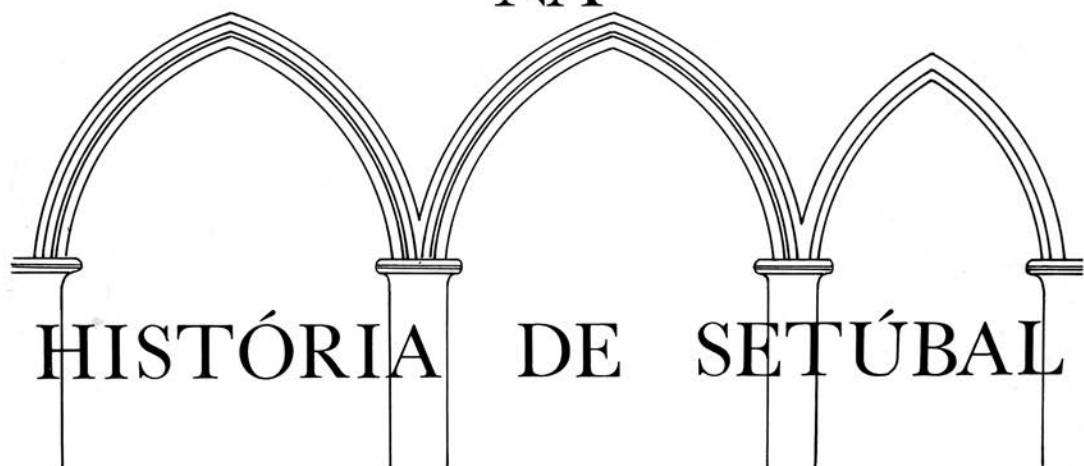


CASAS E RUAS

NA



EXPOSIÇÃO

DO

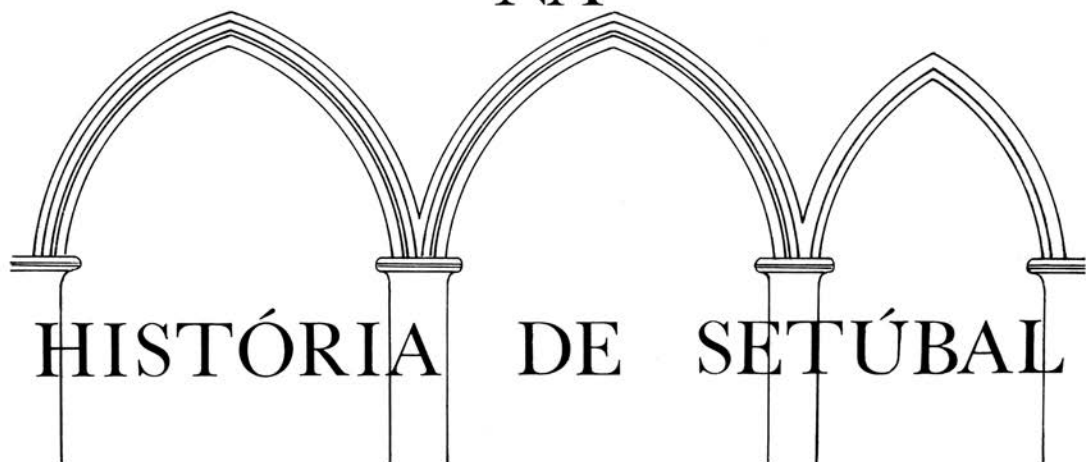
MUSEU DE ARQUEOLOGIA
E ETNOGRAFIA

JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL

1977 - 78

CASAS E RUAS

NA



EXPOSIÇÃO

DO

MUSEU DE ARQUEOLOGIA
E ETNOGRAFIA

JUNTA DISTRITAL DE SETÚBAL

1977 - 78

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA POR

CARLOS TAVARES DA SILVA

E

JOÃO ROSA VIEGAS

COLABORAÇÃO DE

ANTÓNIA COELHO - SOARES

LUÍSA FERRER DIAS VIEGAS

JORGE COSTA

ESBOÇO HISTÓRICO

- Os vestígios mais antigos da ocupação humana do que hoje é a cidade de Setúbal remontam à época romana. Com efeito, as obras de construção do túnel de caminho de ferro Palhais-Fontainhas, em 1904, a abertura, em 1957, de valas destinadas à colocação de canos nas ruas de uma vasta área, desde S. Domingos a Troino, e trabalhos mais recentes de construção de edifícios no Largo da Misericórdia, na Rua de Antão Girão e na de Arronches Junqueiro, revelaram inúmeros testemunhos da existência, entre o século I e o séc. IV d.C., de um importante núcleo populacional romano localizado principalmente entre o Miradouro e a Praça do Bocage. Esta povoação estaria intimamente ligada ao estabelecimento romano de Tróia. A sua actividade económica e social assentaria na exploração dos recursos do mar, na indústria de conservação de peixe e marisco e no apoio comercial e agrícola ao núcleo de Tróia. Todo o estuário do Sado se comportava então como importantíssimo centro industrial de onde era exportado peixe conservado para outros pontos do Império Romano. Com a queda do Império Romano do Ocidente e a ocupação visigótica, verificou-se uma profunda crise no comércio marítimo da qual resultou a decadência desses núcleos populacionais e industriais das margens do estuário do Sado.

- São nulos, por enquanto, os testemunhos arqueológicos que nos permitam falar da Setúbal Visigótica e da Setúbal Árabe. Durante as lutas da Reconquista, entre 1197 e 1217, Palmela e Alcácer eram postos avançados da fronteira luso-árabe. A povoação de Setúbal não é citada em nenhum texto da época. Após a reconquista, Almada, Palmela e Alcácer são doadas em 1237, por D. Sancho II, à Ordem de Sant'Iago. Com a pacificação da região surgem condições favoráveis ao desenvolvimento da pequena povoação de Setúbal, cuja economia irá assentar na pesca e no comércio marítimo e, posteriormente, na exploração do sal. Setúbal encontra-se dependente administrativamente de Palmela. Em 1248, abre ao culto a igreja de Santa Maria da Graça, a mais antiga igreja de Setúbal: o desenvolvimento atingido pelo burgo setubalense determinara, portanto, a criação de uma freguesia religiosa própria, ficando a população liberta da sujeição paroquial de Palmela. O núcleo populacional congregava-se em torno do templo.

Outro facto que revela a existência de um núcleo populacional importante foi a obtenção da sua autonomia administrativa e municipal pela concessão de foral em 1249 (doação do Mestre da Ordem de Sant'Iago) que estabelece a presença no município de um magistrado de nomeação régia (Alcaide), de um juiz de eleição popular e de um funcionário judicial.

Entretanto, onde hoje é Troino, outro núcleo ia igualmente crescendo. Com efeito, em pleno séc. XIII, é fundada a igreja da Nossa Senhora da Anunciada e no séc. XIV constitui-se a Confraria e o Hospital do mesmo nome.

- O crescimento da povoação continuava a fazer-se de modo notável. Assim, no reinado de D. Afonso IV são construídas as primeiras muralhas da vila para o que o povo se colecta com a primeira siza que houve em Portugal. Durante o mesmo reinado são concedidos privilégios aos Judeus, que habitavam judiaria própria.

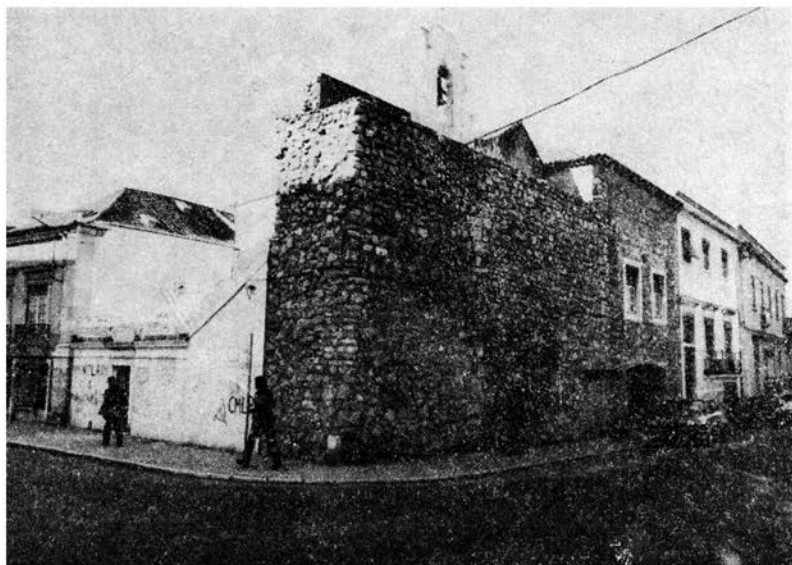


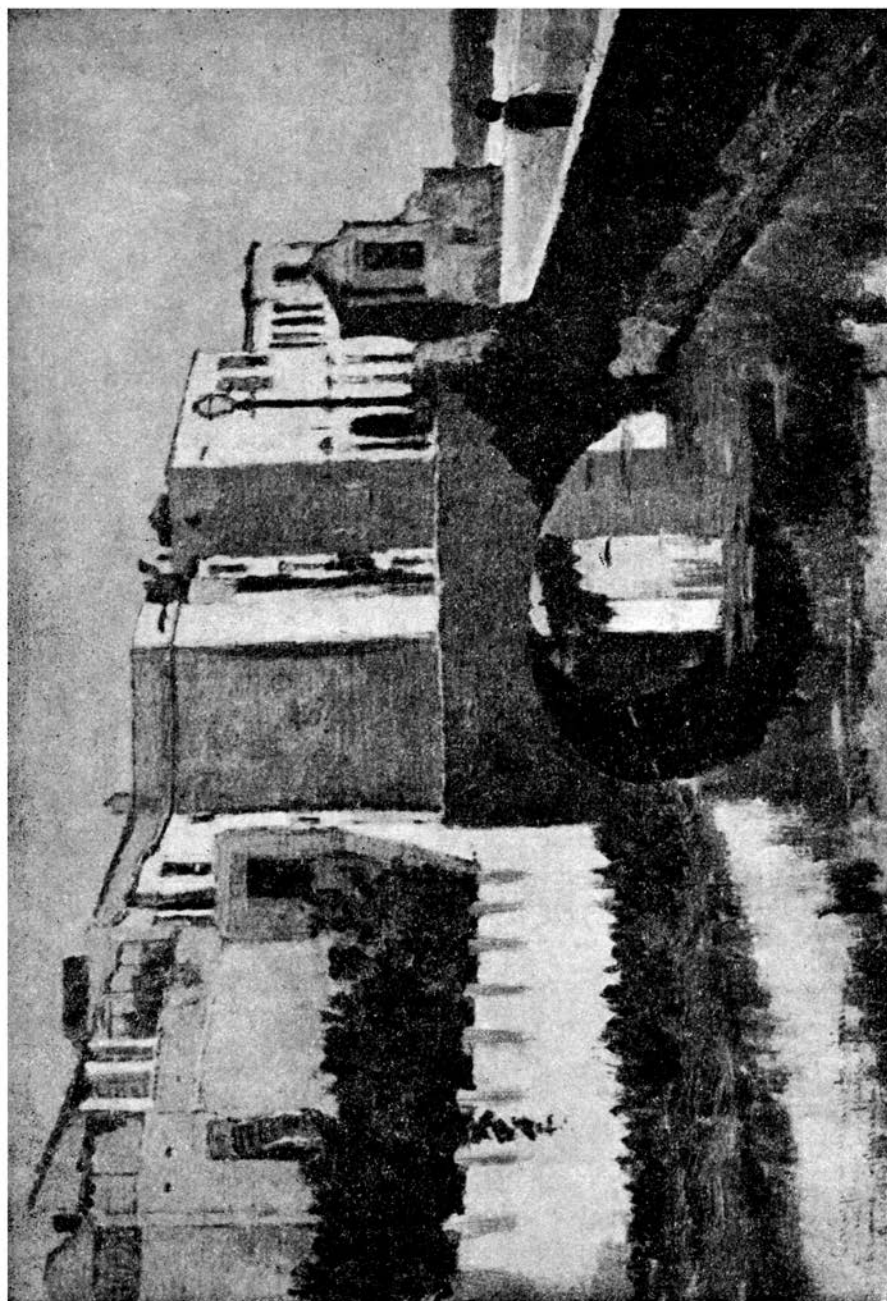
Porta do Sol, aberta na primeira muralha que rodeou Setúbal (séc. XIV).

Muralha do séc. XIV :
Porta de S. Sebastião.



Troço restaurado da muralha do séc. XIV (actual edifício da Comissão Regional de Turismo, ao Largo do Quebedo).





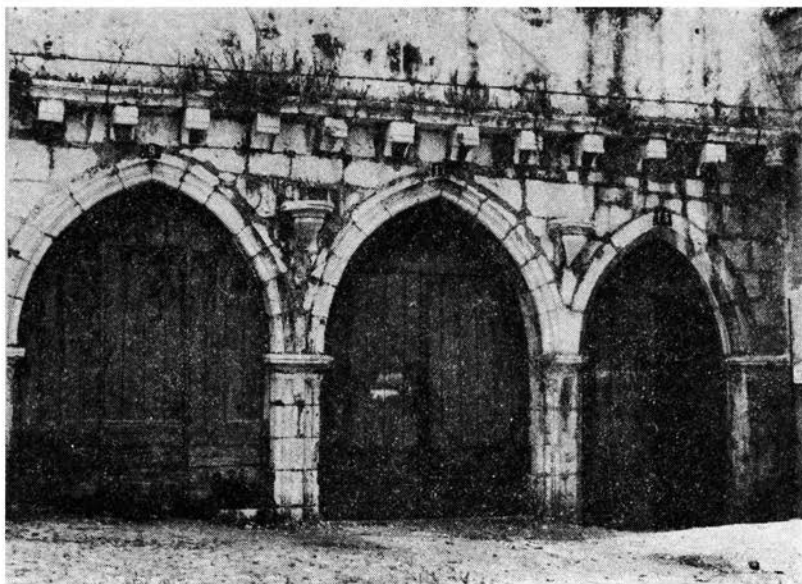
Reprodução de pintura de João Vaz com troço da muralha do séc. XIV sobranceiro à Ribeira do Livramento (hoje coberta pela Av. 22 de Dezembro).

Muralha do séc. XIV :
Postigo do Carvão (Av.
Luisa Todi/Rua dos Ma-
reantes).



Muralha do séc. XIV : Postigo do Cais, junto de um edifício do séc.
XVIII. (Av. Luisa Todi).





Pórtico gótico do Terreiro de Santa Maria.

A vida económica do burgo assentava, por um lado, na actividade marítima e, por outro, na exploração do sal :

— Em 1339, D. Dinis reconhece à Ordem de Sant'Iago «o direito do Sal que no dito logo de Setuval e de Alcácer carregavam e tiravam pela dita foz» (referência que permite inferir produção superior ao consumo nacional e consequente exportação).

— Em 1340 firma-se o compromisso da Carta do Corpo Santo, corporação e confraria de mareantes e carpinteiros navais cujo orago é Santelmo (instala-se numa capela da igreja de Santa Maria e, mais tarde, no séc. XVII, é transferida para a ermida do Corpo Santo).

— Em 1377, outra referência «ao sal que vier do dito logo de Alcácer e Setuval pela foz» a Lisboa, juntamente com vinho, figos, uvas, peixe seco e fresco. Este desenvolvimento económico está, por certo, na base do facto de em 1343 se ter demarcado o termo de Setúbal por solicitação dos seus procuradores nas cortes de Montemor «por receberem muito dano dos de Palmela».

Portal de gafaria medieval (séc. XIV) na Av. Manuel Maria Portela.



- Outros indícios desse crescente desenvolvimento são alguns factos de carácter político e cultural assinalados na vida do burgo na segunda metade do Séc. XV e nos princípios do séc. XVI:

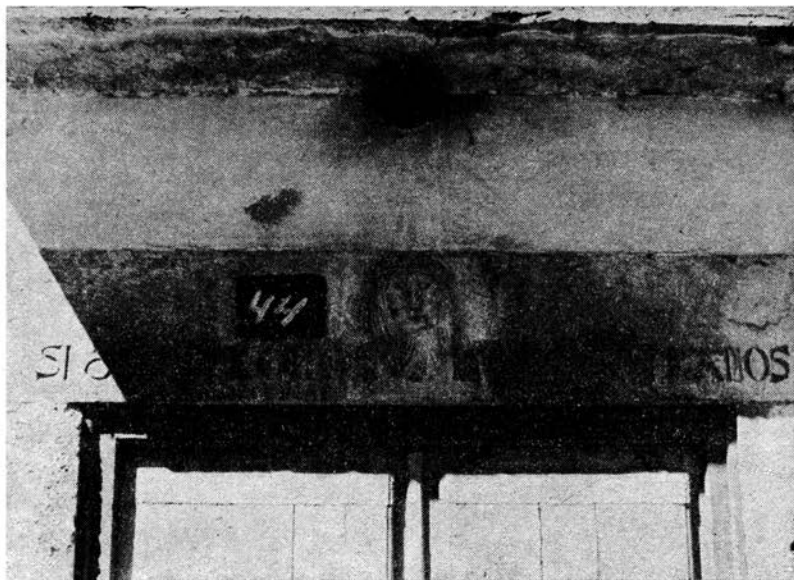
— Em 1471 efectua-se em Setúbal o casamento do príncipe D. João com sua prima direita D. Leonor de Lencastre.

— Após aclamado rei, D. João II escolhe Setúbal para sua residência preferida, concede-lhe isenções fiscais e protege a agricultura regional.

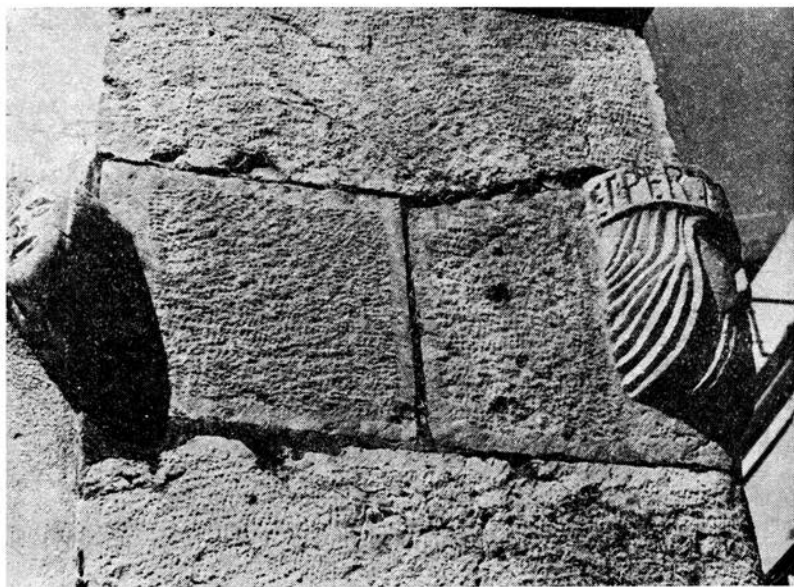
— D. João II mata, nos Paços do Duque, o Duque de Viseu que, com outros fidalgos, conspirava contra ele. Esses actos conspirativos baseavam-se no facto do rei, numa política progressista para a época, procurar retirar à nobreza muitos dos privilégios que ela detinha.

— Em 1492 inicia-se a construção do Mosteiro de Jesus, por Boytac, o arquitecto dos Jerónimos.

— Em 1500 é instituída a Santa Casa da Misericórdia (tinha por faculdade retirar da força os cadáveres dos enforcados e dar-lhes sepultura decente).



«Casa das Quatro Cabeças»: lintel de porta com cabeça esculpida (D. João II ?) na Rua Fran Pacheco, n.º 44.



«Casa das Quatro Cabeças»: cabeças esculpidas no cunhal do edifício.



Aqueduto que fornecia água a Setúbal.



«Porta manuelina» na
Rua Arronches Junquei-
ro, n.º 25.



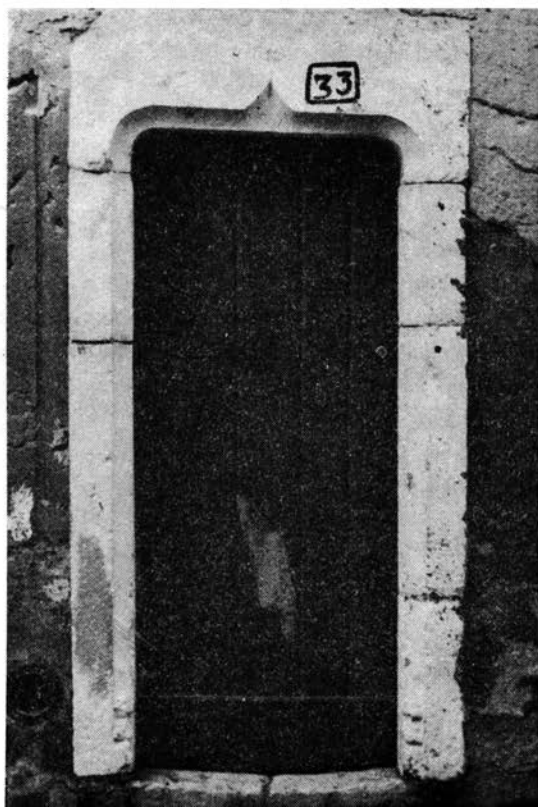
«Portas manuelinas» na Travessa de S. José, n.ºs 3 e 5.



«Porta manuelina» na
Rua António Joaquim
Granjeiro, n.º 46.



«Portas manuelinas» na Rua de Santa Catarina, n.ºs 14 e 16.



«Porta manuelina» na
Rua da Brasileira, n.º 33.

— Em 1509, outro facto cultural digno de realce : primeiro livro impresso em Setúbal (por Hermann de Kempis).

— D. Manuel, ao mesmo tempo que ordena (1513) que os moradores da vila paguem a reconstrução das igrejas de Santa Maria da Graça e de S. Julião que estavam arruinadas, concede (1514) novo foral a Setúbal.

— Em 1525 procede-se à fundação do Convento de S. João, para religiosas, e no ano seguinte, à construção do Paço do Trigo, da Casa da Câmara, da cadeia e dos açougues.

- Durante a Revolução de 1383-85, Setúbal toma voz pelo Mestre de Aviz pelo que D. João I vem a conceder privilégios aos habitantes da vila, Cristãos, Judeus e Mouros. A partir do reinado de D. João I o porto de Setúbal passa a ter notável movimento de importação e exportação, de construção naval e de porto de guerra. Deste modo, é de Setúbal que, em 1458, D. Afonso V parte com uma esquadra para a conquista de Alcácer Ceguer e, em 1505, Tristão da Cunha parte para a Índia.

D. Manuel I determina (1502) isenção de dízima para todo o cereal importado por Lisboa e Setúbal (este facto, se, por um lado, atesta a importância do porto de Setúbal, por outro, assinala a estagnação ou mesmo a diminuição da área entregue à cultura cerealífera o que teve como resultado o aumento do comércio cerealífero com Portugal).

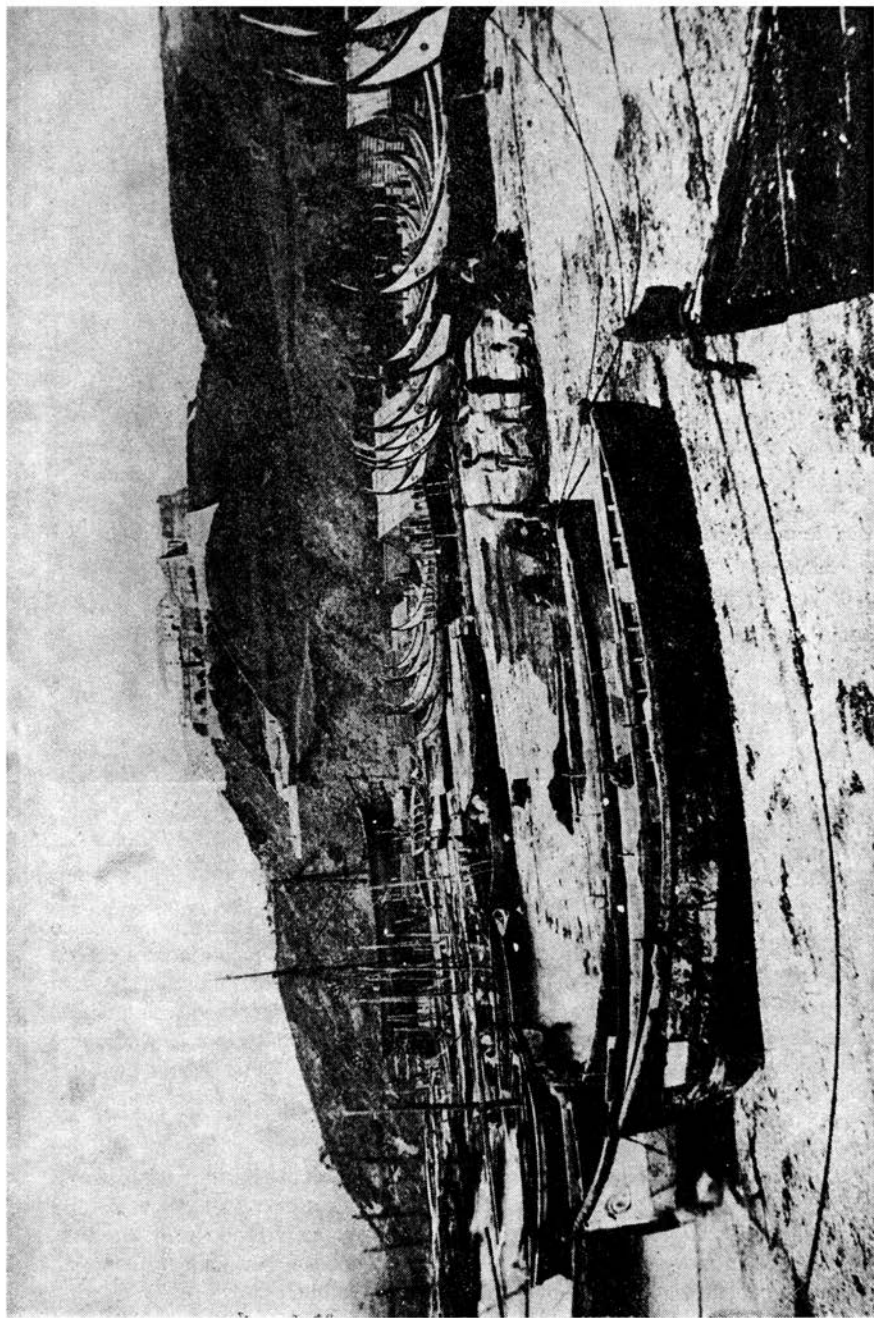
- No séc. XVI Setúbal é o principal centro produtor de sal do País e um dos mais importantes da Europa, concorrendo com o Francês. Em meados deste século o comércio do sal no estuário do Sado começa a ser regulamentado após a queixa apresentada pela vila de Setúbal nas cortes de Almeirim em 1544 contra «os abusos exercidos pelos fidalgos e poderosos que à sombra de alvarás outorgados pelo rei obrigavam os barcos a carregar o seu sal para os navios, deixando os outros donos na impossibilidade de o fazer por falta de embarcações». Este produto é exportado sobretudo para a Holanda, embora em grande parte como um frete de retorno, ou seja, os barcos que trazem trigo levam sal no regresso para os países de origem. Por todo este século, e no seguinte, o porto de Setúbal atinge um movimento extraordinário para a época : cento e cinquenta navios estrangeiros por ano. Não admira, pois, que a vila seja alvo de atenções por parte dos soberanos : D. João III outorga em 1530 aos procuradores de Setúbal às cortes o direito de se sentarem no 4.º

Fachada acusando possíveis influências holandesas (séc.^s XVI — XVIII).



banco, o que representa uma promoção na hierarquia administrativa, e cinco anos mais tarde concede à vila o título de «Notável». A seguir ao tremor de terra de 1531 que atinge fortemente a povoação, verificam-se numerosas obras: reparação de calçadas, edificação de chafarizes, instalação de relógios. O aumento da população (cerca de 9 000 habitantes distribuídos por 1 855 fogos) que se encontrava agrupada em duas freguesias (a de Santa Maria com 877 fogos e a de S. Julião com 978) leva o arcebispo de Lisboa a criar mais duas, em 1533: a da Anunciada e a de S. Sebastião.

Mas nem tudo é progresso. A intolerância religiosa e o obscurantismo grassam também: em 1542 é queimado pela Inquisição o sapateiro Luís Dias, natural de Setúbal, conhecido por Calzolaro e judeu professo que, dizendo-se o Messias, origina na vila um movimento popular e místico de adesão. Assinale-se, contudo, que a Inquisição nunca conseguiu enraizar-se em Setúbal.



Fotografia antiga com o Castelo de S. Filipe (séc. XVII).

- Novo período se inicia agora não só para a História Nacional como também, e consequentemente, para a de Setúbal. Em 1580 a Junta Governativa do Reino, nomeada pelo Cardeal D. Henrique para decidir da sucessão ao trono, muda-se para Setúbal, fugindo aos tumultos que, em Lisboa, promoviam os partidários do Prior do Crato. Em 28 de Junho, D. António, Prior do Crato, entra em Setúbal onde se faz aclamar rei tal como fizera em Santarém e Lisboa. Em meados de Julho, o Duque de Alba que havia invadido Portugal com 40 000 soldados, está as portas de Setúbal. Não obstante a resistência que os soldados da torre do Outão lhe opõem, o duque sai vencedor, fazendo aclamar rei Filipe II de Espanha e saqueando e punindo a população.

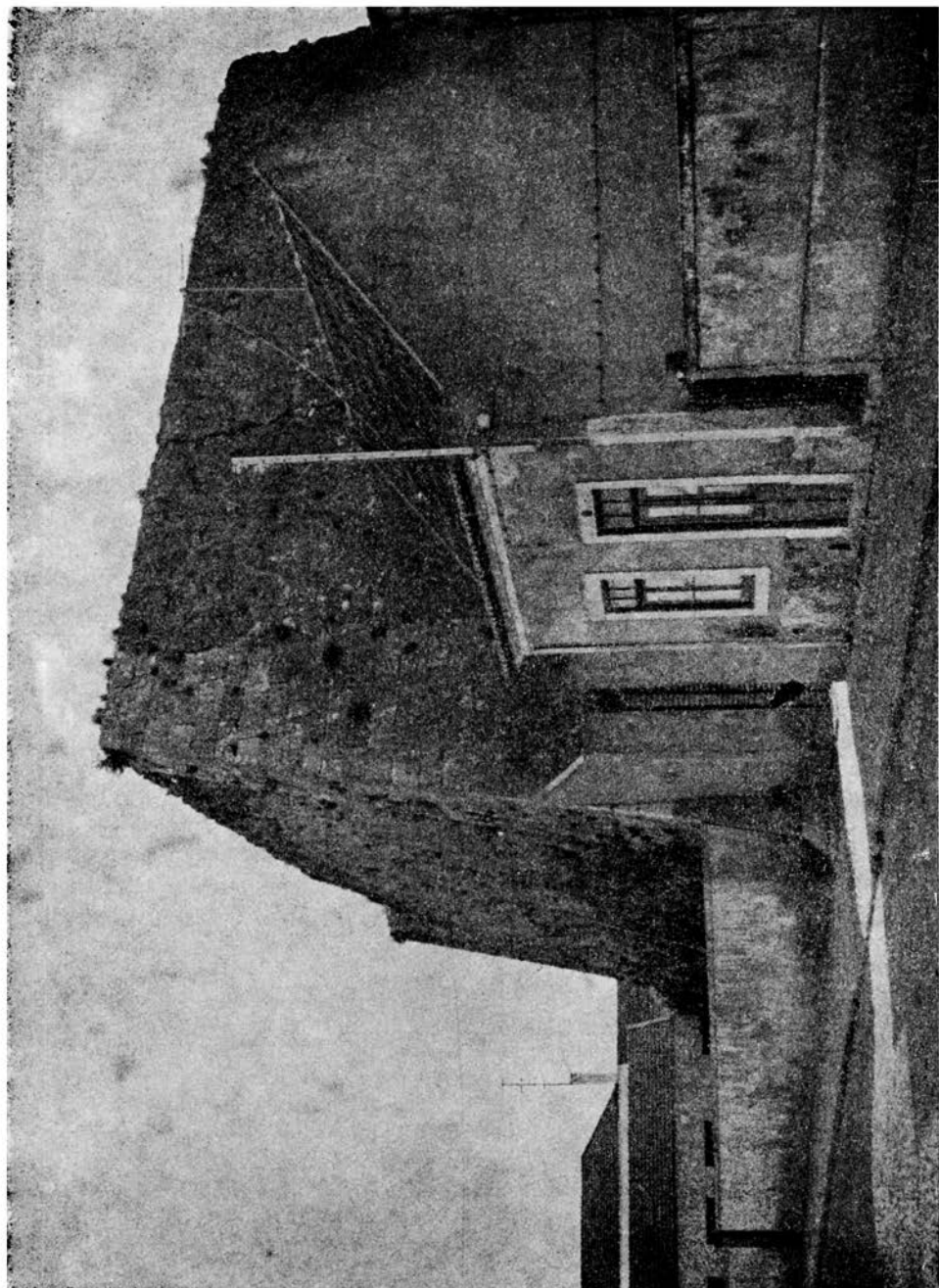
Durante o período Filipino a exportação do sal encontrou sérias dificuldades. Filipe II proibiu a exportação para os principais países compradores do sal português, usando este produto como arma política contra os países inimigos, em especial contra a Holanda. Outros acontecimentos relativos a este período: criação, em 1582, da feira franca, realizada anualmente no dia de Sant'Iago; construção do Castelo de S. Filipe, por ordem de Filipe I (II de Espanha), que mais domina a povoação que a entrada da barra (Setúbal comportou-se como um activo centro de resistência ao domínio filipino); fundação, em 1584, da irmandade de N.ª S.ª do Rosário que passa a funcionar na Igreja do Convento de S. João, constituída por homens de cor (negros e mulatos); fundação, em 1598, da confraria de N.ª S.ª do Socorro, pelos «Homens de ganhar»; construção da capela de N.ª S.ª da Saúde, em memória da peste de 1598; revolta da população, em 1628 e 1630, por Filipe III ter aumentado os impostos e outros encargos.

- Nas lutas da Restauração Setúbal vai desempenhar um papel de relevo. Em 8 de Dezembro de 1640, as fortalezas de S. Filipe e do Outão, guarnecidas por espanhóis, são cercadas e ocupadas por partidários de D. João IV, então aclamado rei. A vila é fortificada, à custa de pesados impostos que recaem sobre a população, a fim de se evitar um desembarque espanhol que ameaçaria Lisboa. O sal de Setúbal é utilizado como importante mercadoria nas negociações diplomáticas com a Holanda.

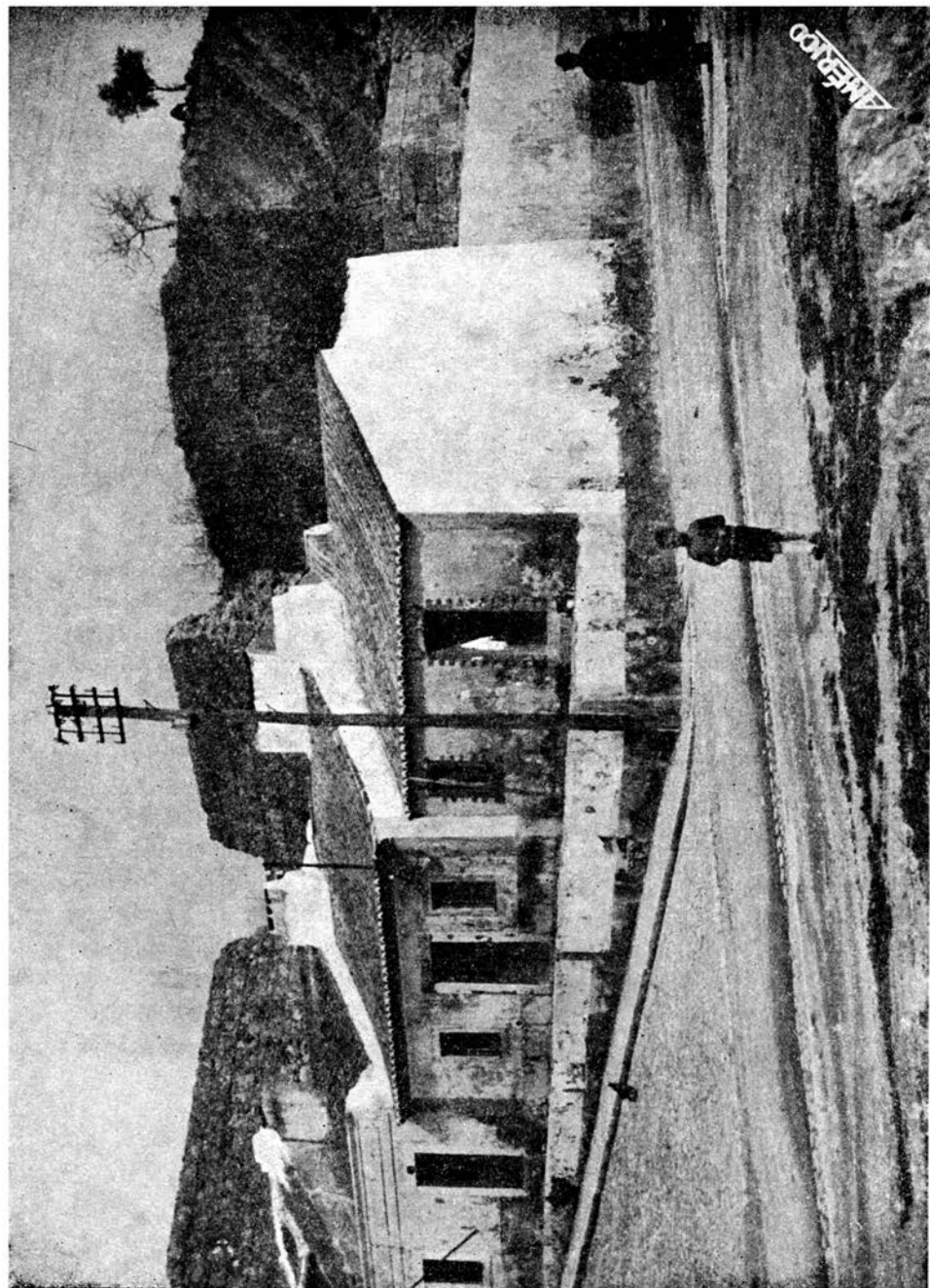
Em 1655 é fundado um colégio da Companhia de Jesus, no sítio de Palhais (os Jesuítas tiveram, de início, muita dificuldade no seu estabelecimento em Setúbal).

A forma como os setubalenses se distinguiram na guerra da restauração leva a rainha regente, D. Luísa de Gusmão, a atribuir-lhes, em 1657, o título de «Leais Vassalos».

Em 1668 são levantados os tributos especiais do sal e outros que os setubalenses pagaram durante a mesma guerra.



Troço da segunda muralha que rodeou Setúbal (séc. XVII) na Rua Formosa.



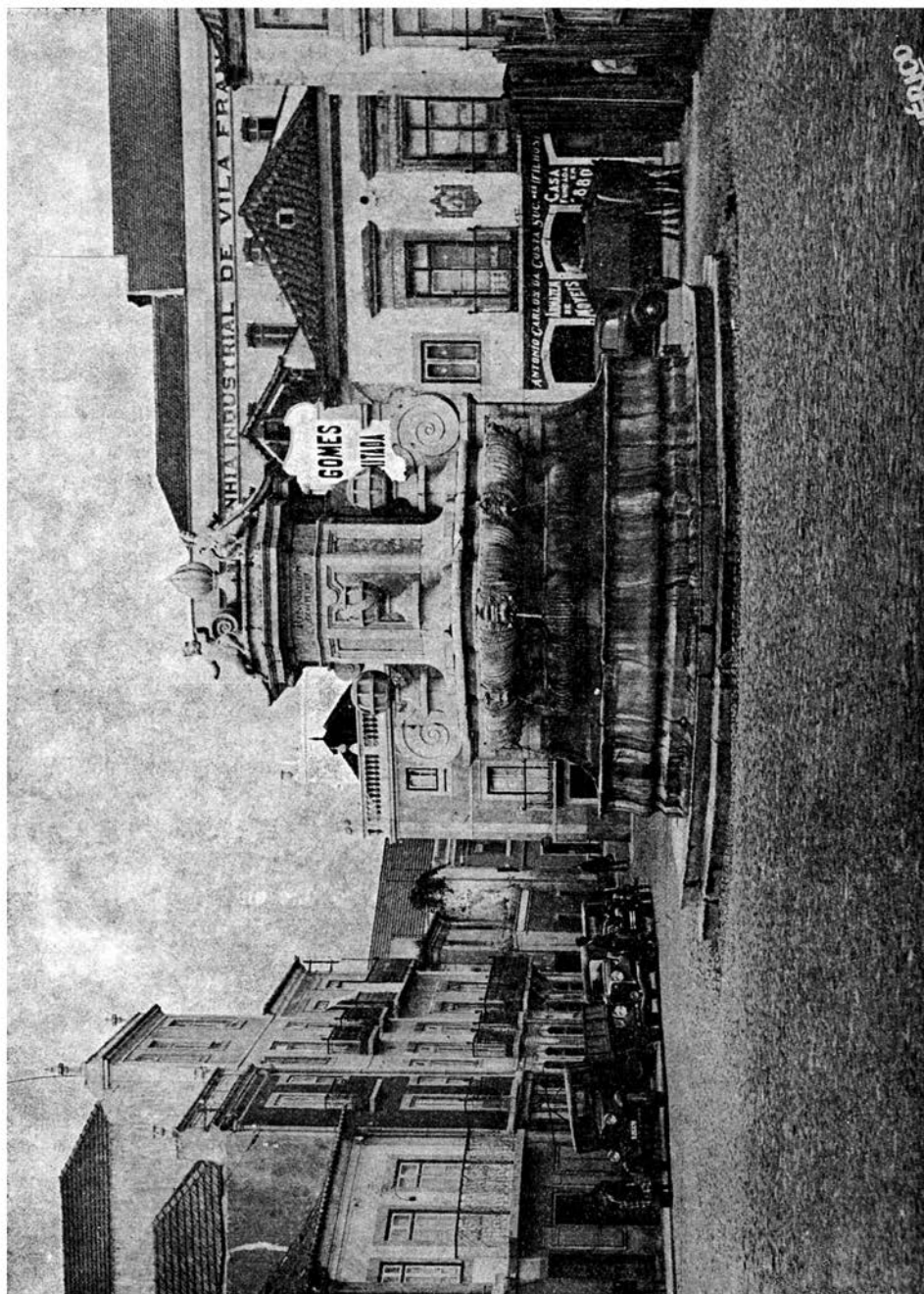
Troço já demolido da muralha do séc. XVII, que existiu onde hoje é a Av. Jaime Cortesão. Fot. de 1945.

- Dos finais do Séc. XVII a meados do Séc. XVIII a economia da vila desenvolve-se paulatinamente. Alguns melhoramentos se verificam: D. Pedro II concede diversos privilégios e isenções a Setúbal, proíbe a exportação de laranjeiras, zela pelo abastecimento de água, regulamenta o comércio do sal, manda plantar amoreiras para a criação do bicho-da-seda, fixa os salários dos trabalhadores; em 1721 funda-se a «Academia Problemática de Setúbal» que reúne os intelectuais da povoação; em 1735, Henrique Torlades, banqueiro de Hamburgo, cria em Setúbal uma agência comercial. Muito dinheiro se gasta entretanto na fundação de instituições religiosas: Ermida do senhor Jesus do Bonfim (1670), Convento de Brancanes (1682), Convento dos Frades Agostinhos Descalços ou dos Grilos (cerca de 1700); Capela de N.ª S.ª da Conceição. São erguidos os cruzeiros da Ermida do Senhor do Bonfim (1728).

A população é, em 1754, de cerca de 13 000 habitantes.

O tremor de terra de 1755 afecta profundamente Setúbal. Não apenas o sismo propriamente dito, mas também um maremoto que em consequência daquele se forma, devastam quase toda a vila. Constituíram a principal causa do desaparecimento da maior parte dos testemunhos de carácter arquitectónico dos séculos anteriores. A reconstrução da vila é prontamente ordenada pelo Marquês de Pombal que, além disso, regulamenta o preço e o comércio do sal, trata do abastecimento de água e fomenta o comércio de vinhos de Palmela e Azeitão. Por esta época são efectuadas as primeiras pesquisas arqueológicas em Tróia, promovidas por Frei Manuel do Cenáculo. É também à segunda metade do século XVIII que remonta a maior parte dos palacetes hoje existentes em Setúbal de estilo Pombalino, pertencentes a alguns fidalgos e, sobretudo a uma burguesia mercantil que prosperava. Com efeito, não obstante a riqueza do centro salineiro de Setúbal ter começado a decrescer neste século (das 458 salinas existentes no reinado de D. José, cerca de 10% estavam arruinadas, mais de 20% em mau estado e de entre as restantes muitas eram de qualidade inferior e de baixa produtividade), o certo é que o salgado do Sado continuava a deter a maior produção a nível Nacional, cabendo-lhe 59% em 1790. Assim, o porto de Setúbal, como o de Viana e o de Faro, competia com o de Lisboa na absorção de parte do comércio internacional. De realçar que a navegação que demandava nessa altura o porto de Setúbal já não era formada exclusivamente por navios holandeses. Devido à evolução económica e política da Europa, estes perderam o seu predomínio de compradores e transportadores de sal, a favor da Escandinávia, da França e da Inglaterra.

Uma religiosidade exarcebada, intimamente ligada ao reaccionarismo que iria atraí-lo, no reinado de D. Maria I, as grandes conquistas de Pombal, manifestam-se na reconstrução de igrejas, capelas e conventos e na colocação de registos de azulejos em numerosas fachadas de edifícios.



Chafariz do Sapal (séc. XVII), ainda na Praça do Bocage.



Ferragens dos finais do
séc. XVII (piso supe-
rior da sacristia da Ca-
pela de Santo António).

Arquitectura residencial
da classe dominante
(séc. XVIII): palacete
da Av. Luisa Todi, 98

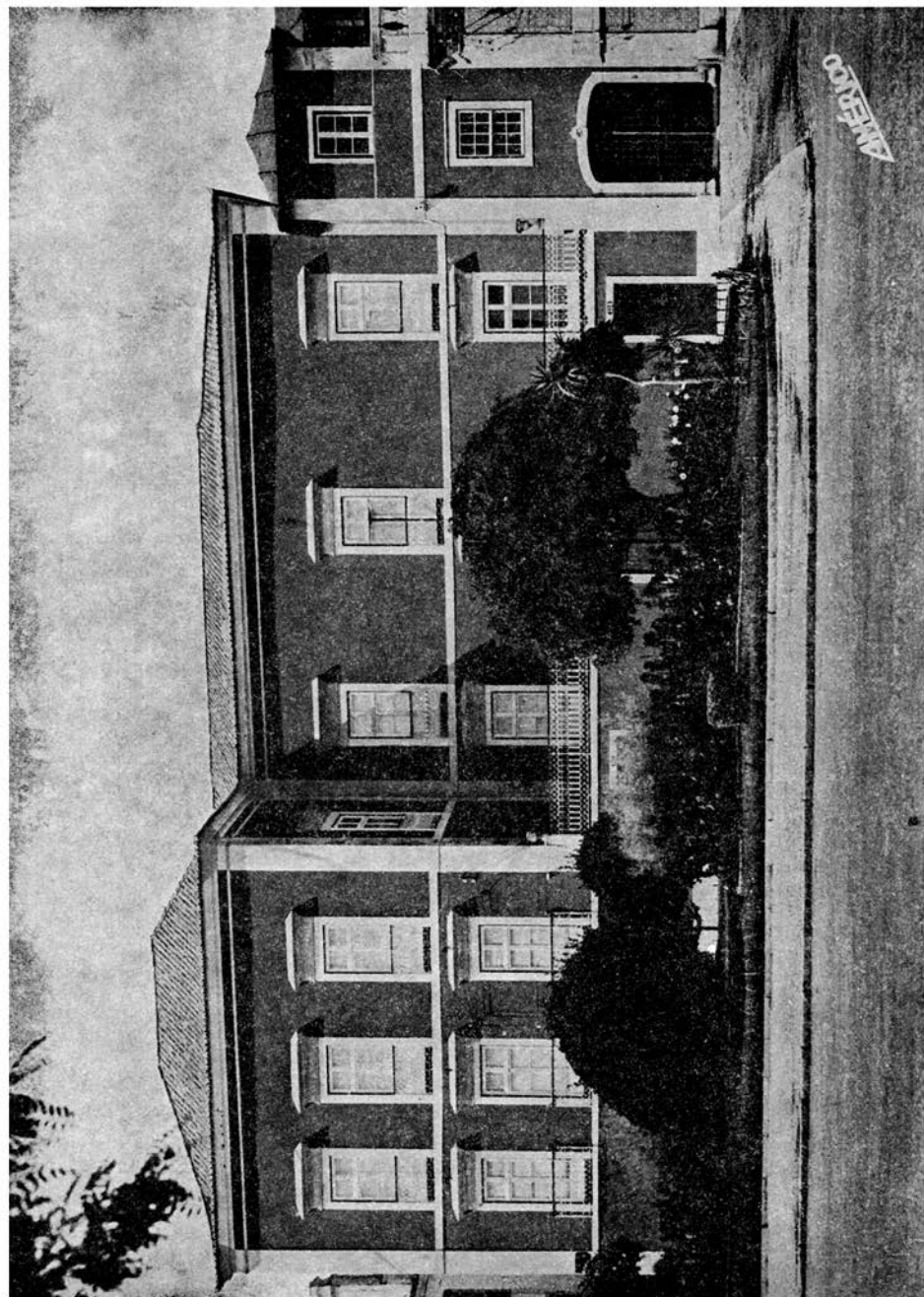




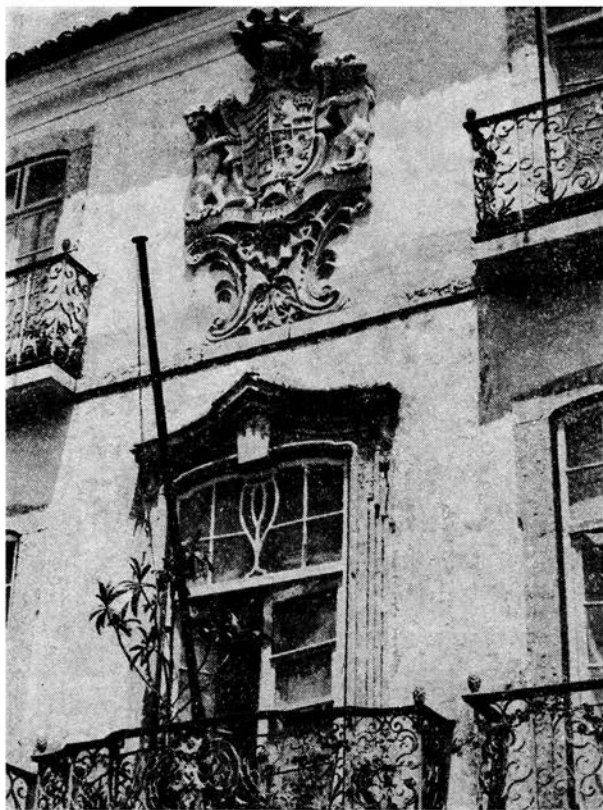
Brasão da Família Feu Guião, na Praça Machado dos Santos.



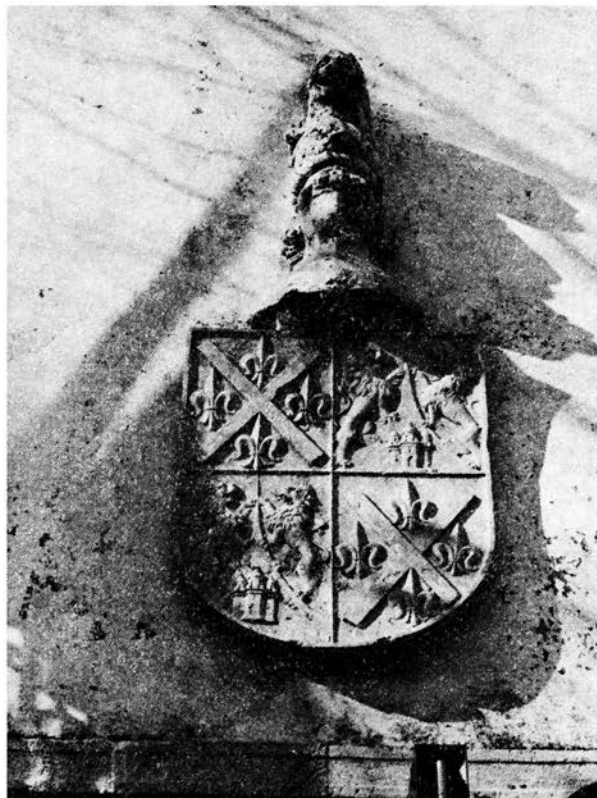
Palcete do séc. XVIII no Largo do Carmo, n.º 1.



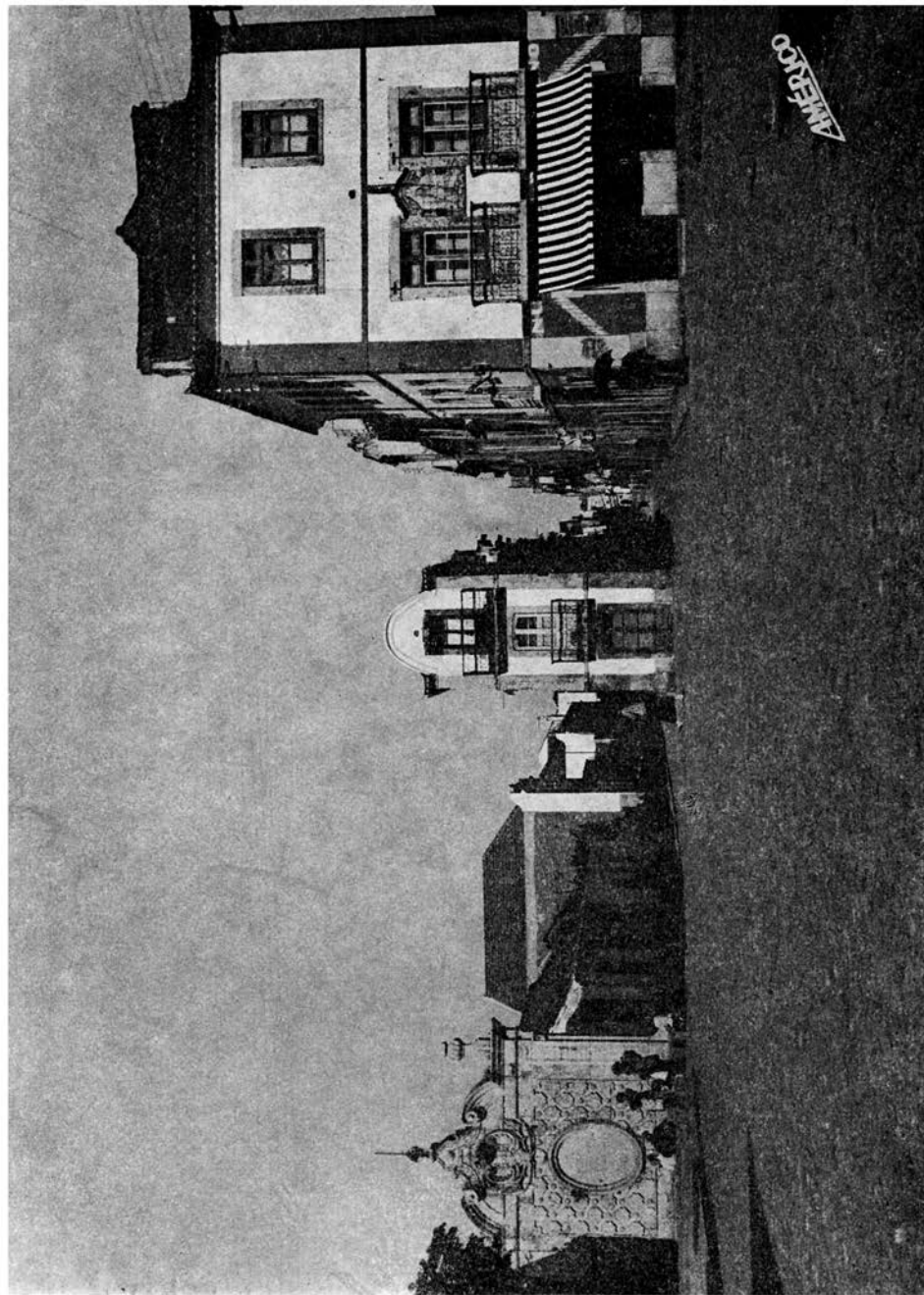
Antigas dependências do Paço do Duque, onde foi morto o Duque de Viséu por D. João II (Av. Luísa Todi, actuais instalações do Governo Civil).



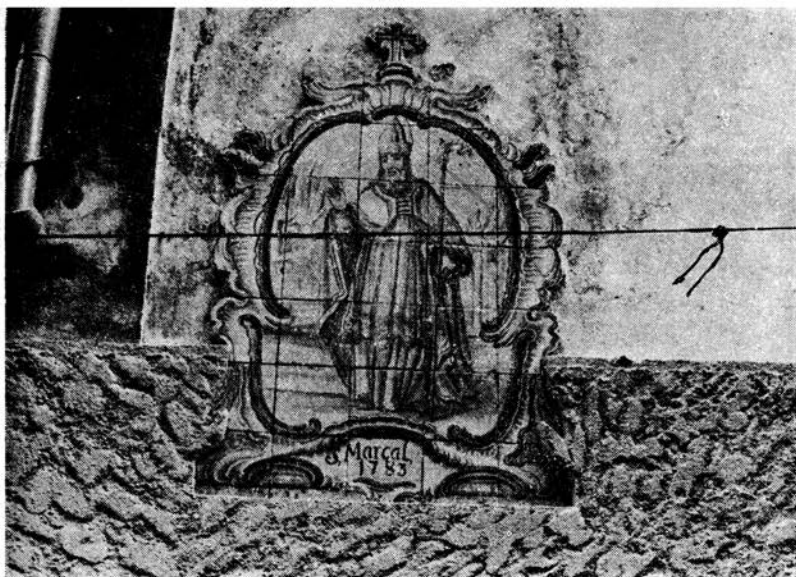
Casa brasonada com as armas dos Chatillons (Largo do Carmo, n.º 9).



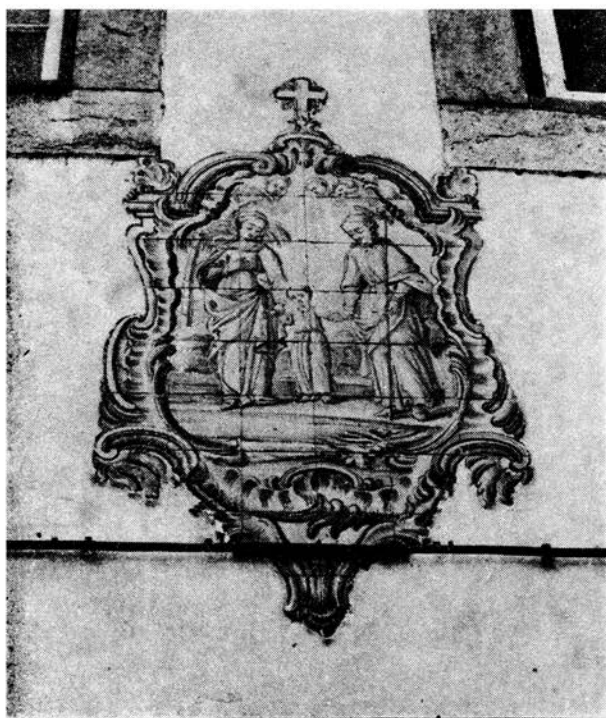
Brasão no antigo Palácio dos Salemas (Praça do Bocage, actual sede do Vitória Futebol Clube).



Largo da Fonte Nova em 1941. Registo de azulejos no edifício da direita (ainda existente).



Registo de azulejos (datado : 1783) na Rua Paula Borba, 20.



Registo de azulejos (séc. XVIII) na Rua Major Afonso Pala, 33-35.

Planta da Villa de Setúbal. 1810.



Planta da vila de Setúbal, em 1810.

- A primeira metade do séc. XIX foi marcada em Setúbal, como de resto em todo o País, por importantes acontecimentos político-militares : primeiro foi a invasão, em Novembro de 1807, das tropas napoleónicas de Junot que, auxiliadas por espanhóis, ocuparam o Alentejo e estabeleceram Quartel General em Setúbal (entre 30/12/1807 e 1/2/1808 esta vila foi capital do principado de Godoy, constituído pelas províncias do Alentejo e Algarve que pelo tratado de Fontainebleau haviam sido atribuídas a D. Manuel Godoy, ministro espanhol) ; depois foram as lutas liberais (Setúbal começou por aderir ao Movimento Constitucional de 1820 ; em seguida tornou-se partidária de D. Miguel, aclamando-o rei em 1828 ; por fim, em 1833, proclamou-se liberal pelo que foi atacada por tropas do exército miguelista que saíram derrotados) ; mais tarde, foi a guerra civil de 1847, ocorrendo em Setúbal vários recontros entre as tropas rivais.

Com o início da regeneração o surto de progresso que então se verifica por todo o País, sob o impulso de Fontes Pereira de Melo, faz-se igualmente sentir na vida de Setúbal : executam-se as obras de terraplanagem que irão conduzir à construção da Av. Todi (1848), arborizam-se e calçtam-se praças e ruas, melhora-se o porto, abrem-se estradas, procura-se água potável, amplia-se o cemitério de Nossa Senhora da Piedade para evitar os enterramentos no interior e no adro das igrejas, estabelece-se o telégrafo, ergue-se o farol, substituem-se os lampiões de azeite por iluminação a gás, uma linha de vapores liga Setúbal a Lisboa, assiste-se à rápida reconstrução da povoação que tinha sido muito afectada pelo sismo de 1858, o caminho de ferro estende-se do Pinhal Novo a Setúbal. Além disso, funda-se, em 1849, a Sociedade Arqueológica Lusitana, a primeira do género existente em Portugal, que procede a escavações em Tróia, criam-se associações profissionais, de mutualidade e cooperativas, a primeira das quais foi a Associação Setubalense das Classes Laboriosas (1855), no domínio da educação, além de se abrirem cada vez mais escolas de instrução primária, a Câmara Municipal cria um liceu, um dos primeiros do País, que, durante muitos anos, funcionou no extinto Convento dos Grilos ; em matéria de salubridade, faz-se crer a toda a população nas vantagens de vacinação antivariólica, fazem-se desaparecer os pântanos que marginavam o rio, canalizam-se águas domésticas e das chuvas, suprime-se o transporte de defuntos em caixões abertos, atende-se ao problema da limpeza da vila dispondo-se que «umas carroças tapadas, percorram as ruas quatro vezes ao dia e possam receber tudo que para as mesmas se deitar, sendo proibido deitar para a rua toda e qualquer qualidade de espurcícia».

Em 1860 a vila de Setúbal é elevada a cidade.

Em 1890 conta com 16 986 habitantes.

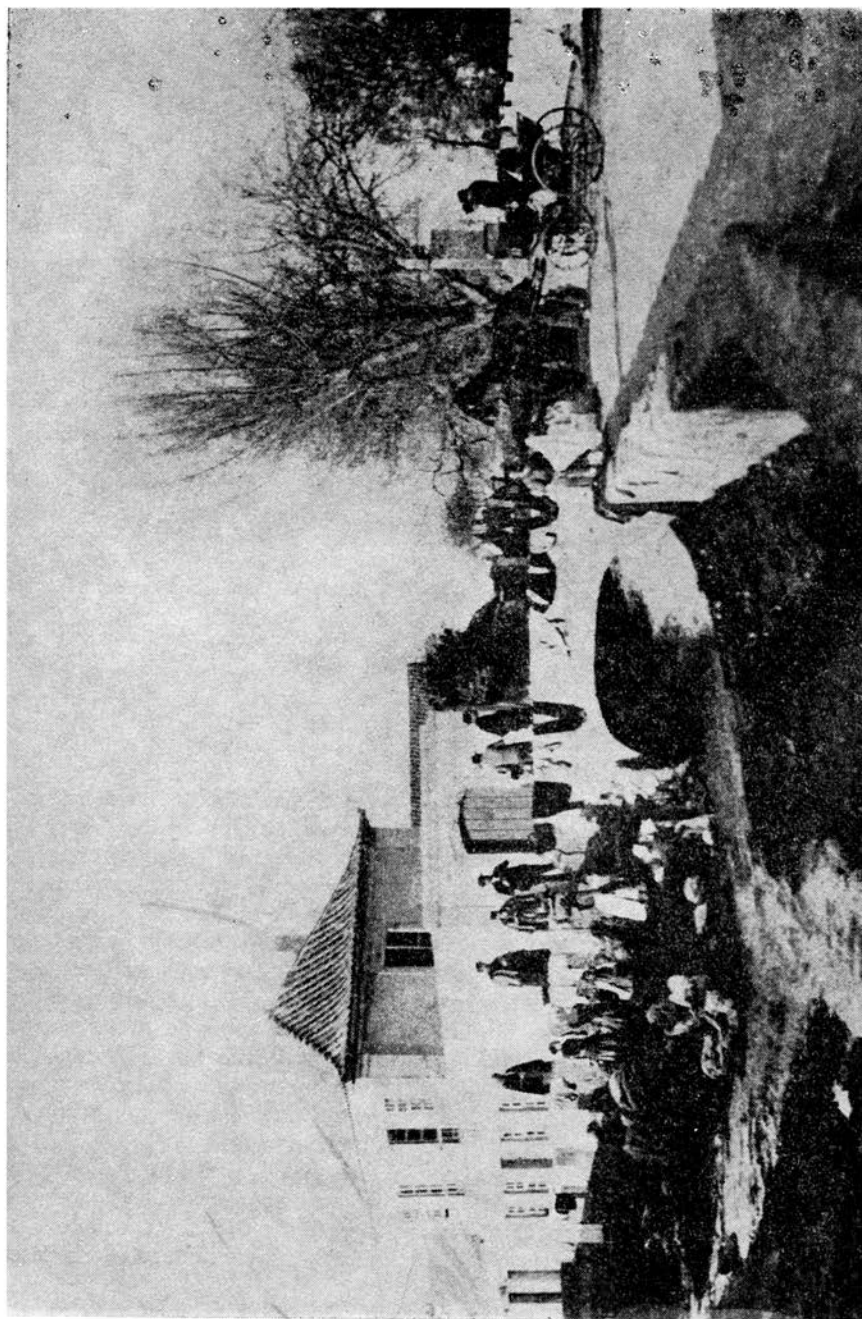
No campo da economia há sobretudo a frisar o despontar da indústria de conservas de peixe que durante muitos decénios iria condicionar fortemente a vida dos setubalenses. Considera-se que a primeira fábrica de conservas de sardinha



Edifício dos finais do séc. XIX (datado : 1894) na Av. Luisa Todt, n.ºs 15 a 29.

em azeite montada em Portugal foi instalada em Setúbal. Em 1897 existiam na cidade 26 estabelecimentos fabris. Em 1912 possuía 42 fábricas de conservas de sardinha em azeite (os proprietários eram 110 e empregavam-se na direcção das respectivas fábricas e o operariado atingia um total de 3 720 indivíduos : as mulheres, em número de 1 708, trabalhavam só quando havia peixe e recebiam 40 reis por hora, os homens — (rapazes de 14 a 17 anos — auferiam entre 50 e 80 reis por hora). Setúbal detinha então 44,2% da exportação nacional. Por volta de 1920 atinge-se o número máximo de fábricas : 130. O censo deste ano calcula em 37 002 o número de habitantes ; destes, cerca de 10 000 empregavam-se na indústria conserveira. A assinalar materialmente os lucros do período áureo desta indústria que eram detidos por uma pequena e média burguesia, está a urbanização de certas zonas da cidade como, por exemplo, o Bairro Salgado e grande parte da Av. dos Combatentes.

Em 1910, com a implantação da República, Setúbal adere vibrantemente ao novo regime. No ano anterior celebrara-se, precisamente nesta cidade, o Congresso Anual do Partido Republicano Português no qual fora eleito um directório que recebera o mandato de organizar a Revolução, passando-se, assim, da fase de propaganda doutrinária, à acção.



Fotografia antiga com ponte sobre a Ribeira do Livramento, hoje coberta pela Av. 22 de Dezembro.

CATÁLOGO

1. Planta da cidade de Setúbal com a localização dos achados da Época Romana. A abertura de valas na parte antiga da cidade deverá ser sempre acompanhada por um arqueólogo, a fim de se salvarem para a Ciência os mais recuados testemunhos da ocupação de Setúbal.
2. Planta de Setúbal com a indicação dos dois núcleos populacionais do séc. XIII : o de Santa Maria (a vila propriamente dita) e o da Anunciada.
3. Planta com o traçado da primeira muralha que rodeou Setúbal (D. Afonso IV). Esta muralha, com torres quadrangulares, cingia a vila de então, abrangendo uma área actualmente compreendida entre o Miradouro e o Largo do Quebedo, a Este, a Av. 5 de Outubro, a Norte, a Av. 22 de Dezembro, a Oeste e a Avenida Luísa Todí, a Sul. Nela se abriam portas (a do Sol e a de S. Sebastião, ainda existentes, e as de S. Jorge, junto ao Palácio Cabedo, da Erva, no Largo da Conceição, e de Troino, na antiga Rua dos Sapateiros, demolidas) e postigos (o de Santo António, junto à Capela de Santo António, o de Santa Catarina, na Travessa de Santa Catarina, o das Lobas, o de S. Cristóvão, o da Pedra, o da Alfândega, o do Carvão, na Rua dos Mareantes, e o do Cais, em frente do Quartel de Infantaria ; destes, restam apenas os dois últimos).

4 a 15. Aspectos de troços da mesma muralha :

4. Porta do Sol.
- 5 e 6. Porta de S. Sebastião.
- 7 e 8. Troços da Rua da Paz.
9. Troço (o único bem conservado) da Casa do Corpo Santo, ao Largo do Quebedo.
10. Torre quadrangular, na Av. 5 de Outubro, já inexistente.
11. Torre quadrangular, na Av. 22 de Dezembro, ao Largo dos Combatentes. Encontra-se coberta por anúncios e reboco.

12. Reprodução de pintura de João Vaz (séc. XIX) exposta no Museu da Cidade na qual se pode ver um torreão quadrangular e restos de um troço de muralha sobranceiros à Ribeira do Livramento, hoje coberta pela Av. 22 de Dezembro.
13. Postigo da Alfândega junto de um edifício com cantarias e ferragens do séc. XVIII (2.º piso) e azulejos, dos inícios do século, do antigo Café das Águas. Todo o conjunto foi infelizmente demolido para a construção do edifício da Caixa Geral dos Depósitos, na Av. Luísa Todi.
14. Postigo do Carvão (Av. Luísa Todi/Rua dos Mareantes). Janelas do 2.º piso com cornijas do séc. XVIII.
15. Postigo do Cais, junto de um edifício do séc. XVIII (Av. Luísa Todi, frente ao Quartel de Infantaria).
16. Pórtico gótico (séc. XIV) do Terreiro de Santa Maria (n.ºs 9 a 13). Segundo alguns autores teria pertencido a um hospício medieval. Presentemente funciona aí uma serralharia.
17. Aspecto parcial da área ocupada por um dos núcleos medievais. O círculo assinala a zona da Judiaria.
18. Casa do Largo da Judiaria, em torno do qual se teria desenvolvido o bairro habitado pelos judeus durante a Idade Média.
19. Portal de gafaria medieval (séc. XIV) que então se situava fora da povoação amuralhada. Está classificado de Monumento Nacional. Av. Manuel Maria Portela.
20. Pormenor com a parte superior do mesmo portal, onde se pode ler **Vanitas, vanitatum, et omnia vanitas** (Vaidade das vaidades e tudo vaidade).
21. Reprodução de gravura antiga com o mesmo portal.
- 21 A. Mapa de Portugal com os lugares que tomaram voz pelo Mestre de Aviz e por D. Beatriz na Revolução de 1383-85 (seg. Oliveira Marques).
- 22, 23 e 24. «Casa das Quatro Cabeças». Esquina da Trav. do Carmo com a Rua Fran Pacheco (n.º 44), antiga Rua Direita de Troino. Provável monumento comemorativo do atentado movido contra D. João II.
22. Lintel de porta com cabeça esculpida (D. João II ?); pode-se ler: **Si Deus pro nobis quis contra nos** (Se Deus é por nós quem é contra nós).
23. Cabeças esculpidas no cunhal do edifício.
24. Reprodução antiga da «Casa das Quatro Cabeças».
- 25 e 26. Aqueduto que fornecia água a Setúbal (reinado de D. João II ?). Monumento de Interesse Público. Note-se a má integração urbanística e o seu completo abandono.

27. Reprodução de quadro de Henrique Pinto, com o mesmo aqueduto. Ao fundo, o Convento de Brancanes.
28. Porta com cantaria medieval. A fachada do edifício em que esta porta se insere foi profundamente alterada pela abertura recente de uma montra. Rua dos Correeiros, 40.
- 29 a 36. «Portas manuelinas» em edifícios residenciais. Surgem, geralmente, em grupos de duas, uma estreita que daria acesso aos pisos superiores, e outra larga de acesso à loja. A sua localização mostra-nos que nos finais do séc. XV a povoação se estendia já do alto da Rua de Arronches Junqueiro à zona do Sapal (Trav. de Santa Catarina) e que o núcleo de Troino atingia, pelo menos, a Rua da Brasileira, a Norte; indica-nos ainda que o traçado de algumas ruas actuais, nomeadamente o das Ruas Arronches Junqueiro, António Granjo e Travessa de S. José, corresponde ao já existente nos finais do séc. XV.
- 29 e 30. Rua Arronches Junqueiro, n.ºs 25 e 27.
- 31, 32 e 33. Travessa de S. José, n.ºs 3 e 5.
34. Rua António Joaquim Granjo, n.º 46.
35. Rua de Santa Catarina, n.ºs 14 e 16.
36. Rua da Brasileira, n.º 33.
37. Vestígios do antigo Paço do Trigo? Rua dos Correeiros, n.º 52.
- 38 a 41. **Convento de Jesus. Fundado em 1490. Edificado por Boytac, o construtor dos Jerónimos. Monumento Nacional.**
38. Pórtico da igreja.
39. Reprodução de desenho de Nogueira da Silva.
40. Aspecto de porta manuelina (actual Academia Luísa Todi).
41. Cruzeiro. Largo de Jesus. Notar o estado de abandono a que está votado este cruzeiro bem como o facto do largo se encontrar transformado em parque de automóveis.
42. Igreja de S. Julião (Monumento Nacional). Reconstruída no séc. XVI sobre um templo edificado por pescadores, talvez nos finais do séc. XIII ou princípios do XIV. Interior com três naves e painéis de azulejos do séc. XVIII com cenas da vida de S. Julião. No exterior, dois portais manuelinos, sendo o do lado Norte um dos mais belos portais manuelinos de Portugal.
43. Portal do lado Norte da Igreja de S. Julião.

44. **Convento de S. João.** Acabado de construir em 1533. A igreja possui um belo portal manuelino. Nesta igreja foi constituída em 1584 a Confraria de Nossa Senhora do Rosário, dos **homens pretos**.
45. Portal da igreja do Convento de S. João.
46. Igreja de Santa Maria da Graça (Imóvel de Interesse Público). Primeiro templo de Setúbal, construído em estilo românico e aberto ao culto em 1248. Tendo entrado em ruína, foi reconstruído em meados do séc. XVI. O interior, dividido em três naves formadas por duas séries de colunas dóricas, possui rica talha no altar-mor e painéis de azulejos do séc. XVIII com cenas da vida da virgem.
- 46 A. Portugal urbano, 1527 - 32. Os números indicam centenas de fogos (in Oliveira Marques).
- 47 a 51. **Fachadas de casas acusando influências flamengas (sécs. XVI - XVIII) resultantes do intenso comércio do sal do estuário do Sado com os países do Norte da Europa, principalmente no séc. XVI.**
47. Praça Marquês de Pombal, n.º 15.
48. Rua da Brasileira, n.ºs 23 a 27.
49. Rua da Velha Alfândega, n.ºs 34 e 36.
50. Praça do Bocage, onde hoje se situa o edifício do Banco Pinto e Sotto Mayor.
51. Lado oriental da Pr. do Bocage, altamente alterada por edifícios recentes de arquitectura dissonante.
- 51 A. Principais centros salineiros existentes em Portugal entre o séc. XIV e o séc. XVI (in. O. Ribeiro).
- 52 e 53. Castelo de S. Filipe (Monumento Nacional). Edificado em 1590 por ordem de Filipe II. No reinado de D. José serviu de prisão de Estado, nomeadamente aquando do atentado contra este monarca.
53. Reprodução de gravura de 1868.
54. Capela de N.ª S.ª da Saúde. Fundada, após debelada a peste de 1598, por voto popular, tendo as primeiras pedras sido transportadas por filhas de homens do mar.
55. Planta com o traçado da segunda muralha que rodeou Setúbal, construída aquando da Guerra da Restauração (séc. XVII — reinado de D. João IV).
- 56 a 63. **Aspectos de troços da mesma muralha :**
56. Rua Formosa.

57. Troço já demolido que existiu onde hoje é a Av. Jaime Cortesão. Fot. de 1945.
58. Av. Portela.
59. Proximidades da Av. Portela.
60. Rua General Daniel de Sousa.
61. Proximidades da Rua Carlos da Maia.
62. Rua Ocidental do Mercado (junto à Doca de Recreio)
63. Zonas Sul e Poente do Quartel de Infantaria.
- 64 e 65. Chafariz do Sapal. Mandado construir em 1697 por ordem da Câmara Municipal e reinando D. Pedro II. Encontrava-se na Praça do Bocage até 1937. (64), altura em que foi deslocado para a Praça Teófilo Braga (65).
- 66 a 72. **Instituições e obras de carácter religioso dos finais do séc. XVII e da primeira metade do séc. XVIII :**
- 66 e 67. Ermida do Senhor Jesus do Bonfim. Fundada por volta de 1670. Chamava-se primitivamente Ermida do Anjo da Guarda. Comportou-se como important centro de devoção nacional ao sul do Tejo. A fotografia do n.º 66 data de 1937.
68. Convento de Brancanes. (Reprodução de gravura antiga). A sua construção teve início em 1682 e a igreja ficou concluída em 1696. Funcionou aí um seminário. Por ocasião do terramoto de 1755, a Câmara de Setúbal instalou-se provisoriamente no convento. Quando as tropas francesas ocuparam Setúbal, em 1808, estabeleceram em Brancanes o seu Hospital Militar. Foi abandonado pelos frades em 1833 quando o exército liberal entrou em Setúbal. Oliveira Martins repousou aí, no Verão de 1894. Após esta data, foi de novo procurado pelos frades que o abandonaram a 4 de Outubro de 1910, dia e que a população da cidade, integrada nas manifestações da implantação da República, o incendiou. Foi posteriormente reconstruído para nele ser alojado um grupo militar de artilharia.
69. Convento dos Frades Agostinhos Descalços, da Boa Hora ou dos Grilos. Fundado por volta de 1700. A igreja só foi concluída em 1786. Em 1858 foi instalado no convento, pelo Município, um Liceu Municipal, um dos primeiros existentes no País. Presentemente funciona aí o tribunal.
70. Capela de N.ª S.ª da Conceição. Construída nos princípios do séc. XVIII. De notar a má integração, no contexto arquitectónico, do edifício que se situa nas traseiras da capela (Largo da Conceição).
- 71 e 72. Cruzeiros da Ermida do Senhor do Bonfim. Cruzeiros de mármore da famosa **via sacra** instituída por Fr. António das Chagas em 1728. Lê-se na

inscrição (72) : «Toda esta obra da via sacra se fez das esmolos dos fiéis no ano de 1728».

73. Varanda com ferragens dos finais do séc. XVII, no piso superior da sacristia da Capela de Santo António.

74 a 76. **Passos (séc. XVIII) :**

74. Junto ao edifício do Corpo da Guarda (Praça do Bocage).

75. Largo da Verónica.

76. Rua Frei Agostinho da Cruz.

77. Planta da vila de Setúbal em 1741. Reprodução de gravura da época («Anuales d'Espagne et de Portugal», por D. Juan Alvarez de Colmenar. MDCCXLI).

78. Projecto de obras no Porto de Setúbal, datado da segunda metade do séc. XVIII.

79 a 97. **Arquitectura residencial da classe dominante (séc. XVIII e princípios do séc. XIX). Escudos e brasões.** «(...) da vintena de morgadios existentes em Setúbal e que não se distribuem ao acaso : um grupo assenta à roda da Igreja de Santa Maria, na parte alta e primitiva da cidade, como os Andrades, Hortas, Cabedos ; outro perto do Sapal (Praça do Bocage), como Ximenes, Sardinhas, Bandeiras ; outro, ainda, para os lados de Troino, como Chattilons, Carranças, Moscachos, Guiões» (G.E.P.B., 28, 589). Alguns dos palacetes do séc. XVIII existentes em Setúbal poderiam pertencer a uma burguesia mercantil muito ligada ao comércio internacional feito através do porto de Setúbal.

79. Av. Luísa Todí, 98. Este palácio, construído no séc. XVI, no reinado de D. João III, serviu de quartel general aos generais Solano e Kellerman quando em 1807 as tropas espanholas e francesas ocuparam as províncias do sul do Reino (Invasões Francesas) ; em meados do mesmo ano, quando as tropas nacionais e restauradoras entraram em Setúbal, o general José Lopes de Sousa também aí estabeleceu o seu quartel-general. Em 1850, foi habitado por Carlos de Almeida Carvalho (este procedia, então, a pesquisas nas ruínas de Tróia, na qualidade de membro da Sociedade Arqueológica Lusitana).

80. Palácio dos Cabedos. Largo do Quebedo, lado poente.

81 e 82. Palacete da Família Feu Guião (com o respectivo brasão). Atenda-se ao estado de abandono a que se encontra votado. Praça Machado dos Santos, 27 a 32.

83. Largo do Sapalinho. Deve deixar-se cair em ruína um edifício como este ?

84. Largo do Carmo, n.º 1.
85. Praça Teófilo Braga, n.º 26.
86. Av. Luísa Todi (edifício do Governo Civil). Antigas dependências do Paço do Duque, onde foi morto o Duque de Viseu por D. João II.
- 87 e 88. Casa brasonada com as armas dos Chatillons. Largo do Carmo, 9.
89. Av. Luísa Todi, 36 a 40.
- 90 e 91. Palácio dos Salemas, com brasão (Praça do Bocage, lado Oeste, actual sede do Vitória Futebol Clube).
92. Brasão no Beco dos Proletários.
- 93 e 94. Edifício do morgado da Bandeira (Visconde de Montalvo) com o respectivo brasão. Praça de Bocage, 48.
- 95 e 96. Escudos da família Sardinha. Rua Serpa Pinto, 18 e 26.
97. Escudo na Rua Jorge de Aquino, 12.
- 98 a 102. **Igrejas e conventos fundados e reconstruídos no séc. XVIII - XIX :**
98. Casas das Freiras Bernardas (Praça do Quebedo, lado Sul). Situou-se aí o Colégio de S. Francisco Xavier, da Companhia de Jesus, fundado em 1655. Foi destruído em 1755. O terreno foi doado, em 1772, às freiras de N.ª S.ª da Nazaré, da Ordem de S. Bernardo que aí instalaram um mosteiro.
99. Igreja do Carmo. O convento do Carmo, dos Carmelitas Calçados, foi fundado no séc. XVI. A sua igreja, construída em 1598, foi destruída pelo sismo de 1755; uma oficina do convento foi então convertida na actual igreja. O convento abrangia a área hoje ocupada por uma esquadra da P.S.P., pela Escola Conde Ferreira e pelo Casino Setubalense.
100. Convento de S. Francisco. A primeira ordem religiosa estabelecida em Setúbal foi a dos Franciscanos. O convento foi erigido em 1410. Tendo entrado em ruína, reconstruíram-no no séc. XIX. Em 1876 estabeleceu-se aí um colégio de padres jesuítas.
101. Convento de S. Francisco. Refeitório do antigo convento, transformado em capela. Deplorável o seu estado de abandono.
102. Igreja da Anunciada. A igreja ou capela primitiva foi construída no séc. XIII. Grandemente destruída pelo sismo de 1755, foi reconstruída e benzida em 1878.

103 a 108. Registos de azulejos (séc. XVIII) :

- 103. Largo da Fonte Nova em 1941. Registo de azulejos no edifício da direita (ainda existente).
- 104. Rua Paula Borba, 18. Datado : 1783.
- 105. Rua Antão Girão, 71.
- 106. Rua Major Afonso Pala, 33 - 35.
- 107. Rua Vasco da Gama, 5 - 7.
- 108. Rua Vasco da Gama, 39.
- 109. Planta da vila de Setúbal, em 1810 (reprodução).

110 a 114. Arquitectura residencial da segunda metade do séc. XIX :

- 110. Avenida Luisa Todí, zona Oriental, lado Sul. Conjunto de edifícios do séc. XIX, antes de amputado pela construção do edifício do Banco Nacional Ultramarino. A Av. Luísa Todí foi construída no séc. XIX sobre o aterro da antiga praia.
- 111. O mesmo conjunto com o edifício dissonante do Banco Nacional Ultramarino.
- 112. Edifício datado (1894) pertencente ao mesmo conjunto, Av. Luísa Todí, n.ºs 15 a 29.
- 113. Dois edifícios característicos dos finais do séc. XIX (lado esquerdo) junto de um edifício acusando influências holandesas (séc. XVIII ?). Largo António Joaquim Correia, 20 a 28.
- 114. Casa onde reuniu a Sociedade Arqueológica Lusitana, a primeira do género existente em Portugal e fundada em 1849. Rua Gonçalo de Abreu, 2 e Rua de Bartissol.
- 115. Azulejos da Casa Fialho. Estes valiosos painéis de azulejos encontram-se cobertos por cartazes. Largo Francisco Soveral, 13 e 14 e Rua Serpa Pinto.
- 116. Escola Conde de Ferreira. Datada : 1866. Av. Luísa Todí, 354.
- 117 e 118. Jardim do Bonfim. Construído no séc. XIX. Fotografia de 1860 (117) e reprodução antiga com a fonte do Bonfim (118).
- 119 e 120. Setúbal em 1860, por ocasião dos festejos da elevação de Setúbal a cidade e da visita de D. Pedro V :
- 119. Paços do Concelho de Setúbal. Reprodução de desenho de Nog. da Silva.
- 120. Recepção a D. Pedro V. Reprodução de gravura de Pedroso.

121 a 126. Setúbal nos primórdios do séc. XX :

- 121. Postais, mostrando a Av. Luisa Todi, o Coreto da Avenida, a Praça de Bocage e o Edifício do Tribunal.
- 122. Ponte sobre a Ribeira do Livramento hoje coberta pela Av. 22 de Dezembro, nas proximidades do Largo de Jesus.
- 123. Largo do Poço do Concelho, ainda com o poço público.
- 124. Largo da Misericórdia.
- 125. Edifício dos Paços do Concelho após o incêndio de 1910.
- 126. Foz da Ribeira do Livramento, em 1929, hoje coberta pela Rua Ocidental do Mercado.

127 a 130. Decorações de influência Arte Nova :

- 127. Rua Arronches Junqueiro, 80. Notar a má integração na fachada de uma montra recente.
- 128. Rua Gama Braga, 3.
- 129. Rua dos Sapateiros, Clube dos Amadores de Pesca de Setúbal. Interior de uma antiga padaria.
- 130. Grande Salão Recreio do Povo. Construído em 1920. Avenida Luisa Todi.
- 131. Planta com a expansão urbana de Setúbal.

A povoação de Setúbal desenvolveu-se procurando sempre a proximidade da margem do Sado, estendendo-se as suas ruas principais numa direcção longitudinal E. — O.. Não obstante os sismos de 1755 e 1858, a primitiva traça manteve-se, mais ou menos respeitada pelas reconstruções posteriores. O eixo do burgo era formado pelas ruas de S. Sebastião e dos Ourives ; perpendicularmente a elas havia ruas estreitas, bastantes para o tráfego transversal, de curta distância da praia e, consequentemente, não exigindo grandes meios de transporte. Paralelamente à Rua dos Ourives, e cortando aquelas travessas, outras ruas existem, por onde circulava o trânsito, no verão abrigado da soalheira pela sombra das casas, no inverno protegido dos ventos dominantes. Só uma rua se desenvolve obliquamente : a actual rua de Antão Girão que conduz do centro da cidade ao Poço do Concelho, poço público de abastecimento de água. Quatro pequenos largos se evidenciavam no plano da povoação : três, ligados a igrejas (o de Santa Maria, o da Misericórdia e o de S. Julião) serviam não só os fiéis que aguardavam o começo das cerimónias religiosas

como eram frequentemente (especialmente o de Santa Maria) locais onde se tratavam em público os negócios importantes do burgo ; o outro, a Praça da Ribeira, constituía o mercado piscatório. É todo este conjunto que forma a vila propriamente dita, cercada de muralhas no reinado de D. Afonso IV. Para sul, fora da muralha, estava a praia (actual Av. Luísa Todi). Além deste núcleo principal, outros vão crescendo paralelamente, acabando por se lhe agregarem. A Oeste, Troino, cujo desenvolvimento é análogo ao da vila, condicionado pela margem do Sado : compridas ruas longitudinais cortadas por pequenas travessas transversais. Outrora, a ribeira do Livramento, hoje coberta, separava os dois conjuntos. Para Nordeste, o pequeno arrabalde de Palhais, onde é o sítio do tribunal. Para Sueste, entre a escarpa do planalto e a margem do rio, o bairro das Fontainhas.

No séc. XVII, toda esta área foi englobada pela linha de fortificações da Restauração. Até ao séc. XIX o crescimento de Setúbal não parece ter sido muito grande. A partir deste século, com o incremento da indústria conserveira, novos conjuntos urbanos se constroem : a sul, o aterro conquista espaço ao rio e surge a Avenida Todi ; para Norte, o Parque do Bonfim e o Bairro Salgado habitado por uma pequena e média burguesia ; para Leste, os bairros de Santos Nicolau, da Rosalina, Trindade, da Monarquina, Lopes, Dias, Arangue (antiga Aldeia do Chinelo), alinhando-se perto das estradas que irradiam de Setúbal e onde reside a classe trabalhadora.

BIBLIOGRAFIA

- * **ALMEIDA CARVALHO, J. C.**, *Acontecimentos, lendas e tradições da região setubalense*, vol.^{os} I, II, IV e V, Junta Distrital de Setúbal, 1968 - 1972.
- * **CAMACHO PEREIRA**, *Tempos Idos*. Setúbal, Lisboa, 1977.
- * **FARIA** Guilherme, *Guia de Setúbal*, Setúbal, 1949.
- * **FARIA**, Guilherme, *Setúbal e a indústria de conservas*, Setúbal, 1950.
- * **GARCIA, F.**, *A fisionomia de Setúbal*, Setúbal, 1918.
- * *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (artigo sobre Setúbal), vol. 28.
- * **MARQUES DA COSTA** José, *Novos elementos para a localização de Cetóbriga. Os achados romanos na cidade de Setúbal*, Setúbal, 1960.
- * **MONTALVAO MACHADO, J. T.**, *Quando a vila de Setúbal foi elevada a Cidade*, Setúbal, 1960.
- * **OLIVEIRA MARQUES, A. H.**, *História de Portugal*, Lisboa, 1974.
- * Proposta para a recuperação de dois espaços urbanos em Setúbal, *Boletim da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização*, 5, Lisboa, 1973.
- * **RAU, Virgínia**, *A exploração e o comércio do sal de Setúbal*, Lisboa, 1951.
- * **RIBEIRO, Orlando**, *Introduções geográficas à História de Portugal*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1977.
- * **TAVARES DA SILVA, C.**, *Necrópole luso-romana de S. Sebastião (Setúbal)*, *Actas do IV Colóquio Português de Arqueologia*, Porto, 1966.
- ê* **VEIGA FERREIRA, O. da e TAVARES DA SILVA, C.**, *Uma jóia romana encontrada em Setúbal*, *Estudos Italianos em Portugal*, 31 - 32, Lisboa, 1968 - 69.

NOTA : As fotografias dos n.^{os} 10, 13, 42, 43, 50, 57, 64, 66, 86 103, 110, 117, 122, 123, 125 e 126 são da autoria de Américo Ribeiro.

As restantes fotografias são de João R. Viegas.

O texto foi compilado por C. Tavares da Silva.

COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOGRAFIA RÁPIDA
DE SETÚBAL, LDA.
TELEF. 23709 - SETÚBAL